

## EDITORIAL

Violência que  
leva para onde?

Nesta semana, os funcionários da Unidade Básica de Saúde (UBS) da Asa Sul, em Brasília, tomaram um susto após um homem danificar o local, quebrar vidros e tentar quebrar um computador. Segundo os funcionários, o homem é uma pessoa em situação de vulnerabilidade que aparece com frequência na unidade e já ameaçou funcionários mais de uma vez. O homem foi preso, mas ele está longe de ser um caso isolado.

Infelizmente, não são poucos os casos de violências físicas e verbais contra médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem, especialmente contra profissionais de saúde da rede pública, além da depredação das unidades de saúde. Na última semana, pacientes depredaram a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Ceilândia, região periférica do Distrito Federal, devido à falta de profissionais na área de pediatria, que no dia contava com apenas um profissional de plantão.

Após o ocorrido na UBS da Asa Sul, os profissionais que trabalham no local protestaram contra o caso, alegando que a situação (e outros episódios de violência e depredação em outras unidades de saúde do DF) é um “reflexo de um sistema sobrecarregado, com

profissionais exaustos e uma população sofrendo com a falta de políticas públicas estruturantes”.

É compreensível que, em momentos de raiva, possa se agir por impulsividade, muitas vezes dizendo ou praticando ações das quais não se orgulha, ainda mais considerando quando se trata da proteção de crianças, que precisam de maior cuidado.

Porém, é inaceitável a agressão contra outras pessoas, ainda mais a agressão contra os profissionais que estão lá na intenção de salvar vidas. Quem está de plantão no hospital (independentemente se é profissional de saúde, atendimento, segurança, limpeza ou qualquer outra área que faça o hospital ou unidade de saúde funcionar) é trabalhador como qualquer outro, que também só quer chegar, trabalhar e depois ir para casa em segurança.

O mesmo se aplica a querer depredar o patrimônio. Ao “extravasos sua raiva” quebrando objetos ao seu redor, só se piora a situação. Especialmente porque são espaços públicos, que depois precisarão ser consertados – saindo do bolso de quem quebrou e de quem não tem nada a ver com a situação. É possível criticar o sistema de saúde sem agredir ninguém ou sair quebrando tudo.

MASP abrirá cinco  
novos cursos

O MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand apresenta em junho cinco cursos organizados pela Escola MASP, com encontros presenciais e online. As aulas abordam a trajetória de Claude Monet, a obra de Renata Felinto a partir de perspectivas afro-diaspóricas, produção e gestão de exposições, arte têxtil e seus vínculos com lutas sociais e ambientais.

Entre os destaques, a aula gratuita e aberta ao público A arquitetura do neoveiro, com Guilherme Wisnik, inaugura uma nova série de quatro cursos dedicada a discutir as relações entre arquitetura e arte. O encontro, que ocorre em 25 de junho, quarta-feira, das 19h às 21h, propõe uma reflexão sobre os vínculos entre espaços urbanos, tecnologias digitais e políticas contemporâneas.

O curso ‘Monet: a luz da natureza’, com Felipe Martinez, analisa as diferentes fases da car-

reira do impressionista, com ênfase na relação entre sua pintura e as transformações trazidas pela modernização das cidades e pela industrialização. Também aborda as influências iniciais do pintor francês e as conexões com artistas contemporâneos como Degas, Cézanne e Renoir.

Todos os cursos disponibilizam bolsas de estudo e descontos para professores da rede pública, em qualquer nível de ensino, mediante processo seletivo após a inscrição, além de 15% de desconto no programa AMIGO MASP. Ao final de todos os cursos, os certificados são emitidos para os alunos que completarem 80% de presença. As aulas online são ministradas por meio de uma plataforma de ensino ao vivo e o link é compartilhado com os participantes após a inscrição. Os cursos online são gravados e cada aula fica disponível durante trinta dias após a realização da mesma.

## Opinião do leitor

## Incoerência

Vivemos numa Democracia e em pleno Estado Democrático de Direito, como apregoa o governo Lula. Agora a primeira dama apregoa o modelo chinês ao defender a regulação das redes sociais. Ela com sua atitude impensada e incoerente, cada dia mais se torna uma excelente “cabo eleitoral” do Bolsonaro.

Luiz Felipe Schittini  
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

## Fernando Molica

## Músicas de Poze do Rodo revelam cotidiano violento

Uma olhada em letras de músicas do MC Poze do Rodo, preso ontem no Rio, até justificava a acusação de apologia ao crime, mas seus versos, mais que tudo, revelam o buraco em que nos metemos. Ressaltam uma naturalização da vida bandida, lugar de refúgio e de ataque de tantos e tantos jovens.

A eventual condenação de Poze não acabará com uma questão que vai muito além dele. Seus funks — duros, violentos, agressivos, com louvações a uma organização criminosa — fazem sentido para muita gente, adolescentes que se identificam com a vida que ele narra.

Não dá pra querer que pessoas nascidas e criadas em favelas e periferias tão violentas façam canções sobre barquinhos, cantinhos, violão, sol, sal e sul. O nome artístico do MC — batizado como Marlon Brandon Coelho Couto Silva — faz referência à sua comunidade de origem, a favela do Rodo, em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio.

Letras de Poze que tendem a ser usadas como provas contra ele deveriam servir também como um guia para a com-

preensão de nosso país. Aos 26 anos, ele não é um ET, um alienígena que, em determinado momento, saltou de um disco voador no Rio e decidiu fazer e interpretar canções que exaltam traficantes, armas, disputas territoriais e rivalidades.

São como manifestos que homenageiam os “soldado preparado, os menor descontrolado”: os erros do seu português ruim não são detalhes, mas gigantescas exclamações. Seu canto, é preciso admitir, representa frustrações, anseios, ódios e visões de mundo de muita gente — e isso não significa concordar com suas pregações.

Não se trata de defendê-lo, cabe à polícia investigá-lo e, à Justiça, avaliar sua inocência ou culpa. Mas seria uma burrice — mais uma — não perceber que suas músicas ajudam a entender uma sociedade construída na base do racismo, da discriminação, da desigualdade de renda e de oportunidades.

A popularidade de Poze do Rodo — ele tem 15 milhões de seguidores no Instagram — é sintoma do descompasso de um país que insiste em viver numa

espécie de ficção: há os que querem manter tudo como está, os que advogam uma redistribuição de riquezas lenta, segura e gradual e os que creem na salvação e prosperidade divinas.

As letras de Poze traduzem impasses de grande parte de nossa juventude, adolescentes que parecem convencidos da inutilidade dos caminhos formais que historicamente lhes são oferecidos, pequenas e esburacadas trilhas materializadas em escolas precárias, preconceito, baixos salários, falta de oportunidades e exaltação de uma suposta meritocracia.

Eles sabem que no fim dessas ruelas haverá destinos pouco atraentes, como o balcão de uma farmácia em escala 6 X 1 ou a moto para entrega de comida. São brasileiros que se reconhecem em funks limitados até geograficamente, quase sempre relatam os horizontes restritos de favelas.

Para alívio geral da nação, a imensa maioria dos que consomem as criações de Poze do Rodo não pratica nada do que é narrado nas letras. Mas são pessoas que nelas reconhecem

um cotidiano de quem vive em áreas dominadas pelo grupo A ou pelo B. Que são obrigadas a adotar até nas roupas um código cromático compatível com a simbologia das organizações criminosas — um domínio que só existe graças à parceria de agentes do Estado.

Em seus funks, Poze volta e meia dá protagonismo a garotos — “os menor” —, guris que, nas músicas, acabam seduzidos pelo atalho da vida criminosa: condenados desde o nascimento ao fundo do palco ou à limpeza de banheiros e coxias dos teatros, sabem, para citar Chico Buarque, que só haveria um jeito de chegarem lá, na frente do palco.

Por mais torto que seja, o grito de Poze do Rodo precisa ser ouvido, nos ajuda a entender as consequências de uma exclusão cultivada ao longo de 500 anos. Como naquela história em que oficiais nazistas, diante de “Guernica”, perguntaram ao autor, Pablo Picasso, se ele é que tinha feito o quadro que retratava o massacre de uma cidade durante a Guerra Civil espanhola: “Não, foram vocês”, respondeu.

## Aristóteles Drummond

## Respeito à política fluminense

O Rio, desde os tempos de Distrito Federal e Estado do Rio, forneceu à República alguns de seus nomes mais expressivos à representação parlamentar. Ficando apenas naqueles eleitos desde a democratização de 46, vamos encontrar no Senado personalidades da história do maior nível.

Luiz Carlos Prestes, Alencastro Guimarães, Caiado de Castro, Gilberto Marinho, Amaral Peixoto, Paulo Torres são alguns nomes. Na bancada federal, notáveis como Nelson Carneiro — depois senador —, o genial Carlos Lacerda, figuras históricas como Aduato Lúcio Cardoso, presidiu a Câmara e foi ministro do STF,

e Lutero Vargas, filho de Getúlio Vargas; e mais recentemente Francisco Dornelles e Roberto Campos. Hoje são poucos os que estão à altura desta tradição.

Mas o que choca aos que acompanham a vida política é a falta de respeito às mais elementares práticas do trato civilizado da política.

O caso mais atual é a indiferença das lideranças políticas em relação ao futuro do senador Carlos Portinho, cujo mandato termina ano que vem. Está exercendo com exemplar postura o mandato, é correto na política e na defesa dos interesses do Estado; não pode ser desconsiderado na composição

das chapas do próximo ano. Aliás, em 2022, na disputa da vaga de senador, era candidato à reeleição e foi reeleito Romário. Apesar de o ex-jogador ser do PL, partido do então presidente da República, no dia da eleição, ao sair da votação, Bolsonaro teve a sinceridade de expor sua ética política e declarou que votou no ex-deputado Daniel Silveira, do PTB, político mais afinado com sua maneira de ser. Incredível o silêncio dos políticos diante da grosseria.

Agora, na dança de cadeiras, as composições parecem estar sendo feitas sem se olhar para o perfil que as forças vivas do Rio de Janeiro esperam para enfrentar

as imensas dificuldades agravadas pelo alto endividamento público, que vem de longe.

Na política e fora dela, na sociedade empresarial, empreendedora, nas entidades de classe do presente ou do passado, existem quadros a serem avaliados e recrutados. E como meras lembranças e exemplos, estão Sávio Neves, Alexandre Accioly, Roberto Medina, José Luiz Alquéres, Antônio Queirós.

Nestes tempos digitais, o eleitor ficou mais independente e tendendo menos às composições das cúpulas. O ideal é uma sintonia entre os caciques da política e o pensamento da sociedade.

## Ricardo Cravo Albin

## O engenheiro que virou rua

Participei há dias de homenagem particularmente emocionante para quem viveu e acompanhou as transformações do Rio de Janeiro, através de grandes obras públicas que foram realizadas pelo engenheiro Enaldo Cravo Peixoto entre os anos finais da década de 1960, começo de 1970.

Uma plateia emocionada atendeu ao chamamento do engenheiro Luiz Edmundo da Costa Leite que lotou o auditório da mais que secular elevatória de esgotos sanitários, aquela que quase fazia a igreja da Glória, ao final da Praça Paris. Aliás, tudo a ver, porque o homenageado Cravo Peixoto consagrou-se

desde o início da carreira fulgurante exatamente como engenheiro sanitário, ele que se orgulhava de ter sua maior e mais celebrada obra, a rede de esgotos sanitários do Rio com suas centenas de quilômetros enterrados por toda a cidade, mas longe dos olhares da admiração pública.

De fato, Cravo Peixoto ficou reconhecido na engenharia mundial como o autor da intrincada rede de esgotos sanitários que transformaria o Rio de uma cidade muito precária em cidade modelar na sofisticada coleta da rede de esgotamento público sob o solo.

Aliás, todo o precioso acervo

do afamado sanitário (livros, documentos, etc.) acaba de ser doado por sua filha adotiva, a Dra. Patrícia Santoro, aos cuidados do engenheiro Luiz Edmundo.

Na solenidade de que participei há dias, creio que das primeiras reverências públicas de vulto à luminosa memória de Cravo Peixoto, abordaram-se muitos outros fragmentos de sua intensa vida de engenheiro. Ele, que foi o grande articulador das obras do então governador do Rio, Carlos Lacerda, foi celebrado como o mais laborioso autor de obras públicas relevantes na Cidade Maravilhosa, como túneis, parques, viadutos e, sobre-

tudo incluindo a rede de esgotos, a outra sua monumental obra, a de fornecer água abundante para a cidade que, antes, chegou a ser reconhecida na verdade implacável da marchinha de carnaval como “Rio de Janeiro/Cidade que seduz/De dia falta água/De noite falta luz”.

Ou seja: a homenagem ao alagoano de 1920, da cidade colonial de Penedo, às margens do São Francisco, consolidou Cravo Peixoto como um dos grandes construtores da cidade do Rio ao lado de Pereira Passos e não tantos outros assim de igual eficiência dentre os trabalhadores históricos pelo e para o Rio.

## O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



## HÁ 95 ANOS: FESTA NO RIO DE JANEIRO PARA O CONDE ZEPPELIN

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de maio de 1930 foram: Conde Zeppelin chega

ao Rio de Janeiro, sobrevoa a cidade e pousa no Campo dos Afonsos, numa grande festa e celebração por

sua vinda ao Brasil. Dirigível volta para Recife, para seguir viagem aos Estados Unidos.

## HÁ 75 ANOS: BRASIL QUER AMPLIAR MERCADO DE CAFÉ NA EUROPA

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de maio de 1950 foram: Comício em Bangu marca a primeira investida dos estudantes por votos para o brigadei-

ro Eduardo Gomes; passeata em Copacabana está prevista também para junho. Governo estuda mudar o trânsito na Praça da República. Brasil quer ampliar mercado do

café na Europa. Ambiente de guerra em Berlim reflete a nova ordem mundial, entre países democratas e comunistas. Tchecos fecham consúladados em Nova York.

## Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)  
Paulo Bittencourt (1929-1963)  
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)  
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)  
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br  
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima  
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira  
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
WhatsApp: (21) 97948-0452  
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057  
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-202  
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.